



**ENFRENTAMENTOS:
DESIGUALDADE RACIAL, RACISMO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS**

***Confrontations:
racial inequality, racism and a new coronavirus pandemic***

Rosiane Trabuco de Oliveira

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós Graduação em
Antropologia (UFPB/PPGA).
Email: rosi.trabuco@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 89-97, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

A pandemia do novo coronavírus evidenciou as desigualdades (raciais e sociais) pujantes no Brasil. Tendo em vista esse contexto, procuro abordar neste ensaio os efeitos da pandemia frente à população negra que, assim como outras minorias sociais, tiveram suas vulnerabilidades atingidas em cheio, dificultando ainda mais suas relações sociais e, também, o desenvolvimento de atividades econômicas essenciais para sobrevivência de si e de seus familiares. Neste sentido, apresento dados que mostram a realidade da população negra e a extensão de suas fragilidades neste momento de covid-19. Outro ponto que abordo é a manifestação de atos racistas advindos do uso da máscara por pessoas negras, um dos itens de proteção essencial na contenção do vírus. Por fim, o que se apreende é que as lutas se intensificaram. Luta-se pela vida contra o racismo e contra um vírus com maior letalidade entre a população negra.

PALAVRAS-CHAVE:

Pandemia do coronavírus. População negra. Desigualdades raciais. Racismo.

ABSTRACT:

The pandemic of the new coronavirus highlighted the strong (racial and social) inequalities in Brazil. In view of this context, I try to address in this essay the effects of the pandemic against the black population, which, like other social minorities, had their vulnerabilities hit hard, making their social relations even more difficult, and also the development of economic activities essential for survival. themselves and their families. In this sense, I present data that show the reality of the black population and the extent of their weaknesses at this moment in covid-19. Another point I address is the manifestation of racist acts arising from the use of the mask by black people, one of the essential protection items in the containment of the virus. Finally, what is learned is that the struggles have intensified. Fight for life against racism and against a virus with greater lethality to the black population.

KEYWORDS:

Coronavirus pandemic. Black population. Racial inequalities. Racism.



Enquanto estudiosa da área das humanidades, especificamente da antropologia, sinto as dores e as belezas entrelaçadas por ela. É a sensibilidade que brota. Mas também o desejo de denúncia de um sistema impregnado de dívidas históricas, mazelas sociais e econômicas. Uso-a como ferramenta política para a não manutenção desse sistema corrosivo para determinados grupos que padecem em estatísticas alarmantes. A antropologia enquanto filosofia viva (INGOLD, 2015) é um mundo infinito de possibilidades, de *perceptos e afectos* – seguindo a máxima deleuziana, os perceptos não são percepções, e sim o conjunto de sensações que vai além de quem as sente; ao passo que afectos são devires. Segundo Deleuze (1994), não há perceptos sem afectos. É nesse sentido que teço as reflexões a seguir.

O que nunca foi escondido, agora, com a pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) é escancarado. Sim, estou falando das desigualdades que colocam o Brasil como sendo um dos países que padece com esse mal. Sendo um dos dez países com maior PIB (Produto Interno Bruto), o país alcança a oitava posição com maior índice em desigualdades sociais e econômicas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) as desigualdades possuem o pior índice desde 2012, análise feita a partir de educação, trabalho e renda. Alguns grupos são mais afetados nesse período pandêmico, pretos e pobres são mais vulneráveis, de acordo com pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da UFMG (2020), sendo vítimas tanto da covid-19 quanto da crise econômica que se instaura no país, com o fechamento de meios econômicos para provimento de renda e sobrevivência dessas famílias brasileiras.

A sobrevivência é uma característica forte à população negra. Nunca foram tempos fáceis para quem é julgado primeiramente por sua cor. A cada 23 minutos um jovem negro é morto neste país, de acordo com o Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), a população negra lidera alguns setores de desigualdade, sendo que os trabalhadores informais somam 47,3%, os desempregados 64,2%; a população negra ainda apresenta os menores ganhos sendo 75,2%, na faixa de pobreza se encontra 32,9%, e na extrema pobreza esse percentual é de 8,8%. Diante de tais dados e neste cenário as dificuldades só aumentaram. Ao que parece, padecemos em



um eterno 14 de maio.¹

O racismo cotidiano que atravessa corpos negros se faz pujante neste período, mais uma guerra enfrentada pela população negra em meio à pandemia. Estamos falando de um sistema de opressão que ceifa vidas diariamente, que nega direitos básicos a determinado grupo e condiciona a miserabilidade. A falta de saneamento básico, de água nas torneiras, de acesso à saúde são agravantes que tornam o povo negro vulnerável ao contágio pelo novo coronavírus. Recomenda-se “lave as mãos com água e sabão frequentemente”. A periferia pergunta: “com qual água?” O mínimo ato de prevenção se torna inviável frente às circunstâncias e revela a contenção de direitos básicos previstos para todas e todos os cidadãos brasileiros, como assim proclama a retórica jurídica de igualdade entre os homens. A questão é: mas de quais homens estamos falando?

O combate é dual. A violência não cessou em meio à pandemia, há corpos que são marcados, o olhar inquisidor ganhou nova ferramenta para mapear e perseguir os corpos negros: a máscara. O *Alma Preta jornalismo* (2020) realizou uma pesquisa, em abril do corrente ano, em sua rede social (Twitter) e apontou que 72% das pessoas negras têm medo de sair de máscara, vários relatos mostram situações variadas de racismo. Através dessa pesquisa foram compartilhadas algumas experiências; o jovem estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro relatou a truculência de um segurança ao adentrar uma loja para fazer compras: “Em tempos de coronavírus, a máscara para preto é um problema sério. Os seguranças querem ver a cara da gente, para onde estamos indo e o que estamos comprando”. Fora do Brasil não é diferente, o professor universitário Aaron Thomas (EUA), publicou em suas redes sociais (Twitter): “I don’t feel safe wearing a handkerchief or something else that isn’t CLEARLY a protective mask covering my face to the store because I am a Black man living in this world. I want to stay alive but I also want to stay alive.” (Eu pensei que poderia usar uma das minhas bandanas antigas como máscara. Mas então minha voz de autoproteção me lembrou que eu, um homem negro, não posso entrar em uma loja com uma bandana cobrindo a maior parte do meu rosto,

¹ A data faz referência ao primeiro dia após abolição da escravatura no Brasil com a promulgação da Lei Áurea, em 1888. Esta lei averbava a liberdade para todos(as) escravizados(as), no entanto não houve políticas públicas para a inserção dos ex-escravizados a vida social. O cantor e compositor Lazzo Matumbi, em parceria com o professor Jorge Portugal (1956-2020), compuseram a música *14 de maio* retratando o que teria sido o dia 14 de maio, sem amparo social e econômico para a população negra escravizada e, certa constância desse dia nos aos tempos atuais.



se também espero sair dessa loja vivo).² O jornalista global Manoel Soares (até então, repórter do programa matinal *É de casa*) também foi alvo do racismo em uma entrada ao vivo para o programa ao ser constrangido com a seguinte frase: “Esse preto de máscara. Assalto?” (GLOBOPLAY, 2020).

De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga, em entrevista³ recente para a ECOA (2020), quando perguntado sobre racismo em meio à pandemia o antropólogo reflete que o que conta é a geografia dos nossos corpos. Nesse sentido, sempre foi o olhar do Outro, no caso do branco, o elemento de opressão, no qual o negro percebe seu corpo por meio da negação. O conhecimento do corpo vem eivado de incertezas que dificultam sua elaboração corporal em meio ao mundo branco, pois o olhar do Outro é inquisitivo. Fanon (2018) nos alerta sobre o peso do corpo negro ao circular pela sociedade: “quando me amam dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (FANON, 2018, p. 109). É um círculo condicionando pelo racismo estrutural e questões históricas mal resolvidas.

As facetas do racismo se propagam de diversas formas. São vários os meios de extermínio da população negra; o não investimento em políticas públicas eficazes é uma delas. Investe-se em “políticas de morte”. Formulam-se “necropolíticas”, isto é, “vidas matáveis”, sujeitos que podem ser eliminados, escravizados. Por meio de um juízo de identidade, a vida é subjugada ao poder da morte, conforme Mbembe (2016). A hipótese de testagem da vacina contra a covid-19 na África, proferida pelo médico Francês Jean-Paul Miraa e reportada pela Folha de Pernambuco (2020), é fruto dessas políticas: o corpo preto é um corpo descartável.⁴ Não, o continente africano não será cobaia. Não é permissível tamanha violência. Antes mesmo ou com casos da doença em continente africano – diga-se de passagem, mesmo com suas fragilidades, os países têm tomado

² Cf. Alma Preta. *Covid-19: enquête aponta que 72% das pessoas negras têm medo de sair de máscaras*. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/covid-19-enquete-aponta-que-72-das-pessoas-negras-tem-medo-de-sair-de-mascaras-171504687.html>.

³ Cf. ECOA. *Mudar as coisas: Aos 79 anos, antropólogo Kabengele Munanga defende papel do intelectual de influenciar na transformação social*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/intelectual-deve-influenciar-na-mudanca-diz-antropologo-kabengele-munanga/#cover>.

⁴ Historicamente a população negra é fruto de políticas de extermínio de sua raça. O processo de colonização e as teorias raciais colocam à população negra à margem da sociedade como corpos indesejados. As práticas eugênicas e a ideia de uma suposta hierarquia racial marcam o histórico de um proces-

medidas eficazes no combate à propagação do coronavírus, seja através do isolamento rígido com poucos casos ou mesmo investimento em propagandas com informações de proteção para população – outros países foram drasticamente afetados, vide China, Itália, França, Inglaterra etc. Assim, por que não iniciar a testagem por um deles?

As práticas racistas, sejam elas conscientes ou inconscientes, resultam em danos irreparáveis, seja para quem sofre ou para o grupo racial que pertence. Estamos imersos em um sistema que explora ou retira de circulação corpos negros. De uma forma ou de outra a violência é o meio de expurgo social de uma realidade da qual o Estado não quer se responsabilizar. Ao que parece, a pandemia de coronavírus é mais uma batalha que o povo negro vem enfrentar de tantas outras e com uma letalidade maior. É esse povo que lota o transporte público quando o recomendado é o isolamento social. É esse povo que move o sistema que o oprime. É esse povo que não conta com o privilégio de aprender infinitas receitas de bolo e praticar ioga na varanda de casa. O povo preto é o povo que não desacelera, mas não por vontade e sim por imposição sistêmica.

O que deveria ser forte aliado a quem teve suas atividades econômicas suspensas nesse período possui uma eficácia duvidosa. O auxílio emergencial disponibilizado pelo Governo Federal (por pressão da Câmara dos Deputados) teria por finalidade beneficiar os socialmente vulneráveis que tiveram sua renda reduzida ou impedida, pois o isolamento social é a melhor medida para conter a propagação do vírus. Uma questão preocupante para o acesso ao auxílio é o fato de que o processo de adesão deveria ocorrer totalmente por via remota – uso de aplicativo em celular ou acesso a site. No entanto, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018), os brasileiros que não tinham acesso a internet somavam 25,3%, e parte dos que não usavam a internet alegavam não saber usar, reunia 41,6%, ao passo que resumia em 34,6% os que não tinham interesse em usá-la. Nesse sentido, pensar um meio para sanar os problemas da pandemia para os mais vulneráveis a partir de um acesso restrito já exclui o número de beneficiários, o que provocou aglomerações em agência bancária (o que de todas as formas deveria ser evitado) para sanar dúvidas ou inconsistências entre o App e os dados do proponente.

Algumas destas atitudes evidenciam a máxima de que “somos todos humanos, e somos todos iguais”. Todos humanos, sim, apesar de certas atitudes desumanizarem so longo que toma o corpo negro como propriedade e, assim, desvincula-o de qualquer humanidade.



uma parcela da população. A igualdade é uma abstração que não condiz com as diferenças sociais retratadas no Brasil. Há muito tempo a ideia de humanidade é questionada, a ideia de um humano *a priori* que reconhece apenas seu semelhante (branco e ocidental), e escanteia o que não condiz com essa imagem. Mbembe (2018) nos alerta que o ocidente sempre se considerou o centro, dono da razão, da vida universal e da verdadeira humanidade, e com todo esse poder transformou a pessoa humana em coisa, objeto ou até mesmo propriedade. Postulou o que é humano e não-humano e/ou quem possui mais e menos humanidade. Questionar esse tipo de “autoevidência” é acusar a necessidade de políticas públicas e reparação histórica a atos persistentes.

O respiro final deveria vir com pensamentos futuros, mas não consigo me ater a esse devaneio com urgências tão presentes e latentes. O futuro é incerto, sempre foi para o povo negro, a pandemia da covid-19 agravou a situação. Seguir à risca as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) não é tão fácil quando o alimento precisa chegar à mesa ou mesmo quando a água não sobe o morro, mas o vírus sim. Não é fácil. Nunca foi. Mas não podemos desanimar diante das atrocidades, não nos é permitido e, principalmente, não permitimos tamanho dissabor nos penetrar. Findar com as palavras e a força de Maya Angelou (1994), talvez seja esse anseio de dias melhores neste momento, em *Ainda assim eu me levanto (Still I Rise)*, para os dias tortuosos e a esperança não faltar:

Pode me atirar palavras afiadas,
 Dilacerar-me com seu olhar,
 Você pode me matar em nome do ódio,
 Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
 [...]
 De um passado enraizado na dor
 Eu me levanto
 Sou um oceano negro, profundo na fé,
 Crescendo e expandindo-se como a maré.
 Deixando para trás noites de terror e atrocidade
 Eu me levanto
 Em direção a um novo dia de intensa claridade
 Eu me levanto
 Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
 Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
 E assim, eu me levanto
 Eu me levanto
 Eu me levanto.



REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya; BROUN, Heywood Hale. **Still I rise**. Jeffrey Norton Publishers, 1994.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Deleuze**. Entrevista concedida à Claire Parnet, 1994.
- ECO. **Mudar as coisas**: Aos 79 anos, antropólogo Kabengele Munanga defende papel do intelectual de influenciar na transformação social. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/eco/reportagens-especiais/intelectual-deve-influenciar-na-mudanca-diz-antropologo-kabengele-munanga/#cover> >. Acesso em: 16 maio 2020.
- FACULDADE DE MEDICINA UFMG. **População negra é mais vulnerável ao coronavírus**. Coronavírus, Covid-19, racismo, racismo institucional. 07 de maio 2020. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/populacao-negra-e-mais-vulneravel-ao-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 11 maio 2020.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **África não será campo de teste para vacina contra o coronavírus**. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/africa-nao-sera-campo-de-testes-para-vacina-contracoronavirus-diz-dir/136306/>>. Acesso em: 08 maio 2020.
- GLOBOPLAY. **Repórter do EDC é alvo de publicação racista**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8542374/>. Acesso em 20 maio 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2017**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: 18 maio 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor e Raça e no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informações Demográficas e Socioeconômicas, nº 41, 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Vidas perdidas e racismo no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/131119_notatecnicadiest10.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**. Boletim do Mercado de Trabalho nº 65, ano 24, 2018. Disponível em: www.ipea.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2020.
- INGOLD, Tim. **Antropologia não é etnografia**. Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. Artes e ensaios. **Revista do PPGAV/UFRJ**, n. 32, 2016.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.
- NEWS/BRASIL. **Coronavírus: o que está por trás da aparente resistência da África à pandemia**. BBC News Mundo. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52626740> >. Acesso em: 11 maio 2020.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal Pnad contínua 2018.** Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2018/Analise_dos_resultados_TIC_2018.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

Recebido em: 31/05/2020

Aprovado em: 15/09/2020

